



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD
Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Revisão de Texto**

MOISÉS BENTO DA SILVA

**OS ACORDOS ORTOGRÁFICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA
E SUAS MUTAÇÕES DA ESCRITA**

Brasília

2013

MOISÉS BENTO DA SILVA

**OS ACORDOS ORTOGRÁFICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA
E AS MUTAÇÕES DA ESCRITA**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em Língua
Portuguesa – Revisão de texto

Orientadora: Prof^a Dr^a Denise de Aragão
Costa Martins

Brasília

2013

MOISÉS BENTO DA SILVA

**OS ACORDOS ORTOGRÁFICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA
E AS MUTAÇÕES DA ESCRITA**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em Língua
Portuguesa – Revisão de texto
Orientadora: Prof^a Dr^a Denise de Aragão
Costa Martins

Brasília, 28 de novembro de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Prof^a Dr^a Elda Alves Oliveira Ivo

DEDICATÓRIA

Ofereço este trabalho a minha mulher, Maria das Graças, e aos meus filhos, Daniel e Michele, pela paciência e compreensão ao entender a minha ausência durante o período do curso; também a minha netinha, Maria Eduarda, que sentiu muito minha falta nos dias em que não me encontrava em casa; a minha mãe, pelo tanto que acreditou em mim, e a todos os meus presentes e saudosos, por tudo que representam ou representaram para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que ilumina minha vida, a minha esposa, Maria das Graças, aos meus filhos, Daniel e Michele, e a minha netinha Maria Eduarda, que são a razão da minha busca constante de conhecimentos e que me dão forças para vencer as etapas de minha vida.

Aos meus professores: Tânia Cruz, Cordélia Oliveira, Patrícia Gomes, Ricardo Nóbrega e Gilson Ciarallo, Harrison da Rocha, por terem tido paciência e dedicação para comigo, contribuindo da melhor forma possível para viabilizar o meu aprendizado.

Aos meus colegas, pela cumplicidade e simpatia.

À professora Denise Martins, pela acolhida, prontificando-se a me orientar.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo conhecer melhor a evolução da língua portuguesa escrita. Foi feito um estudo bibliográfico a respeito da formação da língua a partir de sua origem, no ano 193 a.C., ano do qual são datados os mais antigos testemunhos a respeito da língua portuguesa – o português usado pelos tabeliães nos documentos latino-bárbaros, escritos do século IX ao século XII. Ao mesmo tempo, intentou-se tomar conhecimento dos primeiros documentos escritos em língua portuguesa, datados do final do século XII ao início do século XIII, originários do reinado de Dom Afonso III. O estudo também inclui as reformas ortográficas, acontecidas em Portugal em 1911, e no Brasil em 1971, bem como os acordos ortográficos firmados entre Brasil e Portugal em 1943, 1945 e 1990, e o firmado entre todos os países que compõem o conjunto de países lusófonos: Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor Leste.

Palavras-chave: Língua. Fala. Escrita. Mudanças ortográficas.

ABSTRACT

This study aimed to better understand the evolution of the written Portuguese language. We conducted a bibliographic study regarding the formation of the language from its origin in the year 193 BC, the year of which are dated the oldest testimonies about the Portuguese language – Portuguese used the documents by notaries in Latin barbarians, writings ninth century to the twelfth century. At the same time, an attempt is made aware of the first documents written in Portuguese, dating from the late twelfth to the early thirteenth century, originating in the reign of Dom Afonso III. The study also includes the orthographic reforms in Portugal, in 1911, and Brazil, in 1971, as well as spelling agreements signed between Brazil and Portugal in 1943, 1945 and 1990 and signed by all the countries that make up the set of Lusophone countries: Brazil, Portugal, Angola, Cape Verde, Mozambique, Sao Tome and Principe, Guinea-Bissau and East Timor.

Keywords: Language. Speech. Writing. Spelling changes.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| 1 LÍNGUA, FALA E ESCRITA – E OUTROS CONCEITOS RELEVANTES | 12 |
| 2 A ortografia da língua portuguesa e sua evolução | 19 |
| 2.1 Período Fonético | 20 |
| 2.2 Período Pseudoetimológico | 22 |
| 2.3 Período Simplificado | 24 |
| 3. O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CAUSAS E RELEVÂNCIA | 25 |
| 3.1 Divergência na ortografia da língua portuguesa | 27 |
| 3.2 Partes do Novo Acordo Ortográfico relevantes na revisão de texto conforme as bases de que ele se constitui | 28 |
| Base I | 29 |
| Base IV | 29 |
| Base V | 30 |
| Base VII | 30 |
| Base IX | 30 |
| Palavras Homógrafas | 31 |
| Base XIV | 32 |
| Base XV | 32 |
| Quadro 2 - Resumo das Alterações do Emprego do Hífen | 34 |
| Quadro 3 - Resumo de Alteração da Retirada do Hífen | 35 |
| CONCLUSÃO..... | 36 |
| REFERÊNCIAS | 38 |
| ANEXO | 39 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo estudar a origem da língua portuguesa e suas mutações na escrita, tanto no aspecto histórico, como nas mudanças sugeridas pelos acordos ortográficos, para que se possa ter uma visão do que era a escrita, antes, e o que é hoje, diante do atual acordo. Sabe-se que a língua portuguesa é proveniente do latim, que, por sua vez, reúne-se à família das línguas indo-europeias, representada no momento atual, em todos os continentes.

A princípio, será necessário falar de um povo de cultura simples, pertencente ao centro da Península Itálica (o Lácio), onde, com o decorrer do tempo, a língua latina veio surgindo e desempenhando um papel importantíssimo na história da civilização ocidental. A função sociocultural de uma língua é expressar a cultura da sociedade que a fala, transmitindo-a através das gerações e construindo-a no seio dessa sociedade. Como desempenha ampla função, a língua é considerada uma verdadeira base na estrutura social.

Considera-se o marco da formação da língua portuguesa, segundo Fonseca (1959, p.105), o ano de (193 a.C.), ano do qual datam os mais antigos testemunhos da história das lutas dos romanos contra os lusitanos. Pode-se distinguir como primeiro momento da história da língua portuguesa, chamada assim de *pré-história*, a fase que começou no latim lusitânico, indo do século I da era cristã até o século IX. Neste século, começam a aparecer os primeiros documentos em *latim bárbaro*, os quais, devido à falta de ciência em relação à língua, os notários (tabeliães) que os redigiram empregaram algumas palavras que iam buscar na língua falada, que podem ser consideradas, no caso de nosso país, pertencentes à língua portuguesa.

O português usado pelos tabeliães nos documentos latino-bárbaros, escritos, do século IX ao século XII, pode ser chamado de *proto-histórico*, segundo Leite de Vasconcelos, porque, nesse espaço de tempo, não aparecem documentos extensos escritos completamente em português. Eles sempre eram mistos (português com latim). (VASCONCELOS, 1926 apud FONSECA, 1959).

São variadas as fontes do léxico português.

As fontes que formam o vocabulário da língua portuguesa são de três espécies: populares, semieruditas e eruditas. Os vocábulos provenientes do latim vulgar são populares e também o são os que deles derivam, como os não latinos que foram introduzidos há muito tempo na língua, os quais se modificaram em harmonia com as leis da fonética (exemplos: *chave, noite, ovelha, perigo, guisa, guerra* etc.). Os vocábulos semieruditos são os que sofreram só em parte as mudanças impostas pelas leis da escrita (exemplos: *apostóligo, vodivo, maleza*, etc.). Introduzidos na sua forma plena, pela cultura da qual o povo se apoderou. Os eruditos, por sua vez, são os vocábulos de proveniência latina ou grega, que, muito cedo, principalmente nos séculos XIV e XV, entraram no léxico da língua, aportuguesando-se artificialmente. São exemplos: *silêncio, hospital, incrédulo* etc. (FONSECA, 1959, p.105).

Pretende-se com este trabalho estudar a ortografia e suas mutações, como, também, sua influência na vida dos falantes de língua portuguesa, observando o quanto se modificou, principalmente, na forma de escrever (ortografia da língua portuguesa), por exemplo: o que foi retirado e o que foi acrescentado no emprego do hífen, bem como as mudanças relevantes, depois dos acordos ortográficos, desde os primeiros registros da escrita em língua portuguesa, do período proto-histórico, datado do início do século XIII.

Interessa-nos, também, conhecer a história dos acordos ortográficos e o porquê das mudanças adotadas, analisando, assim, a importância destas na atividade de revisão de textos.

Importa saber como a língua, além de ser um meio de comunicação, é também um patrimônio histórico, o qual é construído pelas sociedades que a falam. O estudo de uma língua focaliza, no decorrer do tempo, datas e etapas de sua existência, podendo assim ser estudada de duas formas: interna e externa.

É importante que se discuta a relevância existente nas mudanças provocadas pelos acordos ortográficos, pois a língua é a identidade de um povo e nela se reflete sua história, por isso a influência como alicerce de estrutura social na atualização das mudanças existentes. (AZEREDO, 2009, p.11).

O trabalho proposto contribui para a conscientização da importância que existe na unificação ortográfica da língua portuguesa, mudanças estas que facilitarão o estudo e as pesquisas sobre a língua.

A mutação pela qual a língua portuguesa passou desde o surgimento até a época contemporânea e a relação intrínseca que se apresenta entre o período histórico ao estado atual, remontando ao passado, às origens, do seu período de formação, explicam as transformações pelas quais essa língua passou (COUTINHO, 1974, p.13):

Essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. A constância e regularidade, que se observam em tais transformações, permitiram ao gramático formular-lhes os princípios e leis. O estudo destes princípios e leis se faz na gramática histórica.

A cultura é expressa por uma língua, em uma comunidade que a fala. Ela transmite sua cultura através das gerações, fazendo-as circular entre essa comunidade. Por representar tão grande função, considera-se a língua como verdadeiro fundamento de estrutura social de uma nação: além da utilidade como instrumento cotidiano responsável pela comunicação humana, ela possibilita a construção de conhecimentos gerais, no desempenho de funções culturais universalistas e integradoras, em que se sobressai como meio de alcançar e de transmitir o conhecimento. (AZEREDO, 2009, p.11).

Na monografia será feita uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o português histórico. Partindo de quando surgiram os primeiros documentos escritos, considerando o léxico que era usado no português arcaico e verificando como a língua se modificou através dos tempos, com descrição das mudanças ortográficas de 1911, 1943, 1945, 1971, até a atual, de 1990.

Os acordos ortográficos possibilitam comunicação mais abrangente entre os falantes de língua portuguesa e constituem instrumento cotidiano de interações humanas, facilitando a compreensão, o entendimento e a responsabilidade social entre os falantes de língua portuguesa. (AZEREDO, 2009, p.11).

Da mesma forma, será feito um estudo comparativo, com bibliografias atuais, para que se possa ter uma visão mais exata das mudanças ocorridas na língua.

São usados como aporte teórico os trabalhos de: Cunha (1972, 1975, 1976, 1977, 1979, 1980, 1982, 1983, 1984), Coutinho (1974), Azeredo (2009), Fonseca (1959).

No capítulo 1, serão estudados os fundamentos conceituais da ciência linguística, essenciais ao desenvolvimento da monografia.

No capítulo 2, será estudada a ortografia da língua portuguesa e sua evolução.

No capítulo 3, será estudado o novo acordo ortográfico da língua portuguesa: causas e relevância.

A conclusão será elaborada por meio de uma visão geral sobre os estudos feitos a respeito da língua portuguesa, sua evolução e relevância.

Apresentamos no anexo, as partes mais importantes do Acordo Ortográfico firmado em 1990.

1 LÍNGUA, FALA E ESCRITA – E OUTROS CONCEITOS RELEVANTES

Neste capítulo, serão estudados os fundamentos conceituais da ciência linguística essenciais ao desenvolvimento da monografia.

Segundo Mattoso Camara Jr. (2011, p.195), a língua, em seu sentido rudimentar, é o nome dado ao órgão mais importante do aparelho fonador. Esta denominação é usada, por metonímia, para designar o sistema de sons vocais. O autor aponta também a fixação do outro sentido paralelo pelo qual se processa o uso da linguagem em uma comunidade humana.

As línguas, no sentido de linguagem, existem para que possamos nos organizar numa comunicação, ou transmitir as mensagens que desejamos. Sendo assim, a linguagem é um sistema de comunicação do qual dependemos para que possamos interagir.

O papel da linguagem está ligado diretamente ao léxico, que, por sua vez, é uma espécie de banco de dados, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados, categorizando as coisas sobre as quais queremos

nos comunicar, fornecendo unidades de denominação das palavras que usamos na construção dos enunciados. Estas unidades são organizadas de acordo com uma estrutura, e, junto com o vocabulário, integram o sistema linguístico. (BASÍLIO, 2004, p. 9,10).

A concepção de fala, cunhada por Ferdinand de Saussure no *Curso de linguística geral* – obra fundadora da linguística científica – é aludida por Camara. Como uma atividade linguística oral, é a fonação enriquecida de um significado que existe sempre em coisas, língua e fala, para o autor. (CAMARA Jr., 2011, p. 141). Constituem algo que não se separa, embora correspondam a domínios diferentes: a língua é o sistema, coletivo e psíquico, enquanto a fala é a manifestação, individual e psicofísica.

A fala e a escrita são modalidades que pertencem a um sistema linguístico único, o da língua portuguesa. Ambas se destinam ao ato de interagir verbalmente, em diferentes gêneros textuais. A fala e a escrita são distintas nas formas estruturais, pois, em seus modos de aquisição, diferem quanto a condições de produção, transmissão, recepção e uso pelas quais os elementos de estruturas são organizados.

A concepção de que há uma divisão de conceitos entre a fala e a escrita é rebatida por linguistas como Marcuschi, Fávero e Koch. Para estes autores, não existem diferenças essenciais entre elas, nem grandes oposições. Pensar que existe alguma superioridade de uma modalidade sobre a outra é simplesmente uma visão equivocada. Apesar da ideia de que a escrita é mais

importante que a fala, isso acontece devido a uma ideologia, e como tal deve ser devidamente interpretada, e não como fato verdadeiro.

Devemos desmistificar a questão de que a escrita é derivada da fala e a fala é primária, pois a escrita não consegue reproduzir certos fenômenos da fala, como, por exemplo, a prosódia, a gestualidade, os movimentos compreensivos de olhos e expressões faciais ou a mímica. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos de significação própria para a sua representação, como parágrafos, tipos de letras, pontuação, grafia alfabética, entre outros. Portanto, as duas manifestações (fala e escrita) apoiam-se no mesmo sistema linguístico, e correspondem a dois subsistemas que permitem a construção de textos falados ou escritos harmônicos e coerentes em diversas variedades da língua. Não se deve considerar como um problema relevante a manifestação do falante uma ou outra variedade, porque, entre fala e escrita, existem vários modos de organização. (MARCUSCHI, 2001, p. 38).

É necessário que se levem em conta as condições de produção na relação entre fala e escrita, para a efetivação de um evento, pois são distintas em cada modalidade. Comprova-se isso no quadro a seguir (FÁVERO; KOCK, 2005, p. 74):

QUADRO 1: DIFERENÇA ENTRE A FALA E A ESCRITA

| FALA | ESCRITA |
|---|---|
| - Interação face a face | - Interação a distância (espaço-temporal) |
| -Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção | - Planejamento anterior à produção |
| -Criação coletiva: administrada passo a passo | - Criação individual |
| -Impossibilidade de apagamento | - Possibilidades de revisão |
| -Sem condições de consulta a outros textos | - Livre consulta a outros textos |
| -Reformulação promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor | -Formulação é promovida apenas pelo escritor |
| -Acesso imediato às reações do interlocutor | -Impossibilidade de acesso imediato às reações do leitor |
| -Processamento do texto pelo falante, redirecionando-o com base nas reações do interlocutor | -Processamento do texto pelo escritor, com base em possíveis reações do leitor |
| -Explicitação de todo o processo de criação textual | -Tendência à ocultação do processo de criação, textual mostrando apenas o resultado |

A escrita traz a representação visível e duradoura (permanente) da língua, que passa do estágio de falada e ouvida, para escrita e lida, tornando-se registros, os quais podem ser vistos em tempos futuros.

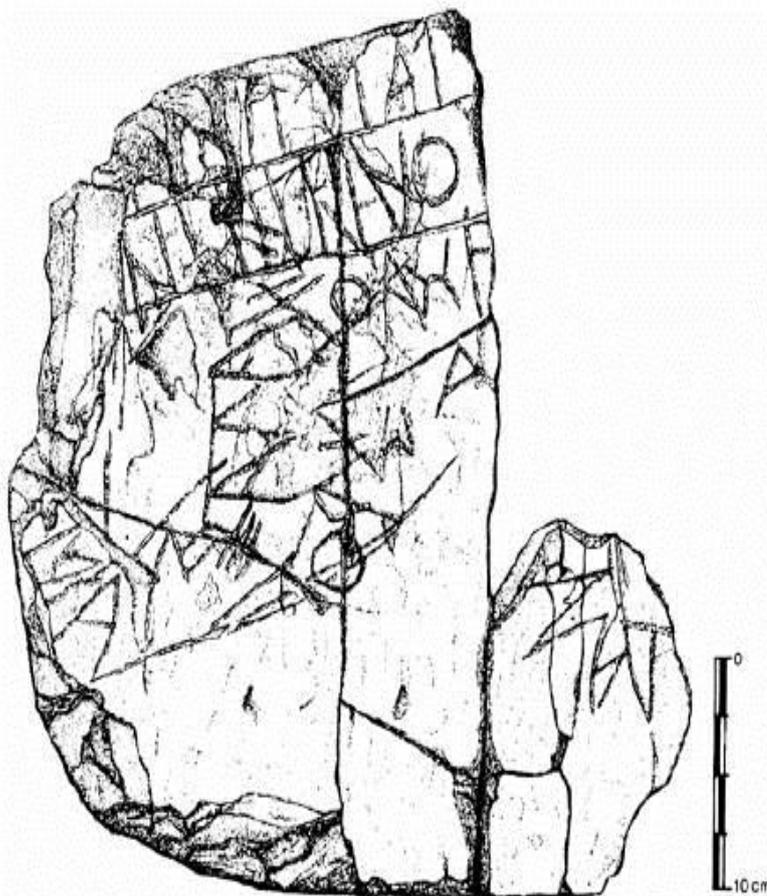
Prova disso é o processo de desenho de sinais correspondentes aos sons produzidos, que se reportam aos fonemas (letras), formando um sistema de grafia, que em princípio vale como representação. A letra exerce função específica na língua escrita, que adquire o caráter de grafema (unidade mínima da escrita). Isso também acontece com os sinais de pontuação, que correspondem às pausas de comunicação oral. Assim se estabelece, numa língua, a escrita ao lado da fala. Aquela que compõe, numa transposição do discurso falado. (CAMARA JR., 2011, p.133).

Consideram-se os primeiros alfabetos em territórios português os das Escritas do Sudoeste, datada do século VI (a.n.E.) – antes da nossa era. É nessa época que se tem o uso dos primeiros sistemas de escrita com base fonética na península Ibérica. Este fato é muitíssimo importante, pois, em outras etapas de processos de transformação da Pré-História em História, o uso da escrita acompanha o desenvolvimento do urbanismo, da economia e da evolução das classes dirigentes e elitistas. No entanto, estes processos foram iniciados muito antes, em território Ibérico, no Calcolítico (3000 – 2000 a.n.E.). Entretanto, não foram acompanhados pelo aparecimento de um sistema de escrita, que teve de ser importada do mediterrâneo bem mais tarde. (Disponível em: www.tipografos.net/escrita/escrita-do-sudoeste.html)

FIGURA 1 - ESTELA DA ABÓBADA

Encontra-se na internet, na fonte enunciada no fim, a estela da abóbada. Achada no sítio arqueológico de Gomes Aires, em Almodôvar, é uma das poucas com figuração. No centro, emoldurado pelas bandas com glifos, vemos um guerreiro armado, em pose agressiva. Muitas das estelas com escritas do Sudoeste provêm do Baixo Alentejo e puderam ser datadas – aproximadamente – a partir das necrópoles conhecidas. As datas destes monumentos funerários oscilam entre os séculos VII e V a.n.E., os quais documentam o primeiro sistema alfabético usado em Portugal.

FIGURA 2 - ESTELA DE NEVES II



Os glifos são semelhantes aos do alfabeto fenício

Os glifos do alfabeto da Escrita do Sudoeste são derivados de **escritas fenícias**. O alfabeto tinha basicamente 27 signos, o número que se registra em um monumento aparecido em Espanca (Castro Verde, Beja).

Esta inscrição mostra um abecedário gravado por alguém que possuía grande habilidade e outro, imitado por baixo, por um aprendiz.

Nos conjuntos de glifos de Espanca, os primeiros catorze têm formas e valores fonéticos idênticos. Os cinco glifos que se seguem, embora apresentem um traçado semelhante, podem corresponder a fonemas diferenciados.

Os últimos oito consideram-se relativamente independentes, adaptados para suprir a falta de glifos que completassem o sistema.

Contudo, já temos um primeiro repertório de sequências de glifos, que podem corresponder a <<palavras>>. Já se pode sugerir correspondências com nomes conhecidos de origem indo-europeia. Um conjunto de inscrições funerárias apresenta no final uma sequência de glifos, com ligeiras variantes. Era uma fórmula do tipo <<aqui jaz>>? (Disponível em: www.tipografos.net/escrita/escrita-do-sudoeste.html)

2 A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA EVOLUÇÃO

Neste capítulo, serão estudadas a ortografia da língua portuguesa e sua evolução.

Para que possamos entender melhor as mudanças existentes na língua portuguesa da atualidade, precisamos repassar um pouco a história que ocasionou tal mudança. Hoje é um ponto definitivamente resolvido, incontestável, o de que a língua portuguesa não passa de uma transformação do latim, em sua lenta e sucessiva transformação no decurso dos séculos, de uma língua que herdara o seu nome na região onde progrediu, o Lácio, que, por sua vez, foi também a transformação de outra, falada por um povo sem história, cujo lugar ou habitação a ciência não conseguiu identificar. [Este povo conhecido por *ária ou ariano*, teve origem em diferentes tribos, as quais, propagando-se pela Europa e parte da Ásia, levaram com elas, as crenças e a civilização da mãe comum, a língua, a qual tinham aprendido no berço. Foi esta a que se estabeleceu e deu o nome de *indo-europeia*, cujo aparecimento se perde nas noites dos tempos. As modificações já verificadas no território primitivo continuaram, o que deu origem às várias línguas de onde provêm quase todas atualmente em uso na Europa e muitas outras na Ásia. (NUNES, 1960, p. 3).]

No século XVI, Portugal teve um papel importantíssimo na história dos descobrimentos e das conquistas territoriais. A língua portuguesa, nessa época, servia de instrumento para a divulgação de uma rica literatura, que foi se espalhando pelas novas terras, descobertas recentes, conquistando continentes e ilhas.

Transportado para terras distantes, em que tudo era diferente os costumes, as crenças, os hábitos linguísticos eram diversificados –, o português não pôde se manter uniforme, pois, com tanta diversidade, acabou sendo fracionado em vários dialetos. (COUTINHO, 1974, p. 58). Não será estranha a afirmação de que a ortografia da língua portuguesa nunca foi uniforme a quem quer que tenha aprofundado ao seu estudo primitivo.

As palavras escritas sofrem a influência etimológica, apresentando um traje mais completo de letras, em evidente contraste com a antiga simplicidade da língua. Não admira que, ao invés de uma, houvesse várias ortografias, mesmo sendo a etimologia, na época, uma ciência que dependia da fantasia de cada escritor. (COUTINHO, 1974, p. 71).

2.1 Período fonético

A história da nossa ortografia divide-se em três períodos: o *fonético*, o *pseudoetimológico* e o *simplificado*. O período fonético (primeiro período) tem início com os primeiros documentos escritos em português, datados do final do século XII ao início do século XIII. São estes: **CANTIGA** (1189), **AUTO DE PARTILHA** (1192), **TESTAMENTO** (1193), **CANTIGA D'AMIGO** (1194-1199), **NOTÍCIA DE TORTO** (1206), (COUTINHO, 1974, p. 68 a 70). Este período funde-se com o arcaico e estende-se até o século XVI. Apesar da flutuação que se

observa na grafia de certas palavras, a preocupação fonética manifestava-se a cada momento. A língua era escrita como se falava.

Os escritores e copistas da época tinham como objetivo facilitar a leitura, dando aos leitores uma impressão exata da língua falada, porém não havia um padrão igual na transcrição das palavras. Em um documento, às vezes aparecem as mesmas palavras escritas de formas diferentes. Contribuíam, para isso, as diferenças regionais, que davam com o resultado a fusão dos elementos, a influência, embora pequena, do latim, a negligência dos autores e copistas, e, em alguns casos, a grafia castelhana.

As vogais eram representadas no português arcaico, assim como são hoje no português moderno, entretanto havia, na sua transcrição, algumas peculiaridades que merecem atenção.

Assim era a representação: o *i* também era representado por *(y)* e *(j)*: *y* = *hi*, *mjnas* = *minhas*. Quando semivogal, substituía-o frequentemente o *(h)*: *cabhia* = *cabia*, *dormho* = *dormio*.

A respeito da queda de consoantes mediais, juntavam-se duas vogais no corpo do vocábulo, constituindo hiato: *seer* < *sedere*, *coor* < *colore*, *maa* < *mala*. Tempo depois, a duplicação dá-se para indicar a vogal tônica da palavra: *ataa* = *atá*, *taaes* = *tais*, *ceeo* = *céu*, *dooj* = *dóji*, *nooa* = *noa*.

De várias maneiras se representavam a nasalação das vogais: por ~ (til), por `` (dois acentos), por *m* e *n*. Neste período, encontravam-se também vocábulos que continham vogal nasal, sem o sinal de nasalação, por negligência dos copistas: *divisoes* = *divisões*. Empregavam-se aleatoriamente o *m* e o *n* antes de consoantes, o que servia para atestar igualdade de valor fonético: *omrra* = *honra omde* = *onde*, *canbho* = *cambio*, *senpre* = *sempre*. Nota-se também sobre

as vogais nasais, o sinal duplo de *dois acentos* (´´), que parece indicar nasalação: *mááos* = *mãos*, *oméés* = *homens*, sinal também usado sobre as vogais orais: *Bragáá* = *Braga*, *séér* = *seer*. (COUTINHO, 1974, p. 72,73).

2.2 Período pseudoetimológico

Nesse período, a escrita tomou outro critério, escolhido pelos que seguem a grafia etimológica, respeitando o possível as letras originárias das palavras, ainda que não representassem nenhum valor fonético. A presença do latim faz-se sentir em nossa língua em toda a sequência de sua história, tornando-se predominante a partir do século XVI, até o início do século XX. É exatamente nestes quatro séculos que a escrita sofre a forte influência greco-latina, sobre influência do pensamento renascentista.

O português passou a ter o modelo da grafia do latim, passando, então a absorver o uso da ortografia clássica. É o período dos **rh** (como em *rhomboidal*), **th** (como em *theatro*, *Theodoro*, *orthographia*), **ph** (como em *phosphoro*, *philosophia*) e **ch** com som de [k], como em *chrisma*), ou ainda *phleugma* (fleuma), *exhausto* (exausto), *estylo* (estilo), *prompto* (pronto), *diphthongo* (ditongo), *psalmo* (salmo) etc.

É nessa época que surgem os primeiros tratados de grafia. Pêro de Magalhães Gândavo publica, em 1574, a obra que traz o título de *Regras de Escrever a Ortografia da Língua Portuguesa*; e Duarte Nunes do Leão, em 1576, a *Ortografia da Língua Portuguesa*.

No século XVII, aparecem outros estudiosos da língua e lançam-se novos livros, entre eles Álvaro Ferreira de Vera, autor da *Ortografia ou modo para*

escrever certo na língua portuguesa, e João Franco Barreto, que publica a *Ortografia da língua portuguesa*.

No século XVIII, outros autores assumem: Madureira Feijó, a *Ortografia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*; e Monte Carmelo, com o *Compêndio de Ortografia*.

Com o lançamento de tantos livros a respeito de ortografia, a influência foi tão grande que não só os vocábulos novos entraram para o nosso léxico com grafia alatinada, como também os que tinham formas vulgares.

Foi o que aconteceu com palavras que eram grafadas, por exemplo: *dino = digno, benino = benigno, malino = maligno*. Ainda se encontram escritas em obras de Camões. Surgiram, então, os etimologistas, os quais, verificando que no latim tais palavras eram escritas com *g*, restabeleceram neles essa letra. A presença do *g*, que a princípio era um simples sinal etimológico, passou a ser assinalada como pronúncia normal e correta. Os pseudoetimologistas são assim chamados porque recuperam falsas etimologias, como os que escreveram, legitimamente, *thesouro*, do grego *thesaurus*, mas *thesoura*, do latim *tonsarius* (sem *th*).

Com a chegada do Romantismo, nota-se novo impulso etimológico, dessa vez, contudo, muito mais desastroso, porque não se procurava a origem no latim, mas, sim, no francês, que se imitava consideravelmente.

O grande paladino da escrita etimológica já no final desse período foi José de Castilho, o qual escrevia: *thio = tio, poncto = ponto, ropto = roto, septe = sete, septembro = setembro, mulcta = multa, enxucto = enxuto, ermão = irmão, mactar = matar, amarhei = amarei, vacqueiro = vaqueiro, aptar = atar, etc.*

O surto etimológico, além de acarretar dificuldades, exigia do escriba o conhecimento de vários idiomas; além disso, este sistema, por natureza retrógrado, assinalava a total dissolução do vínculo entre a língua falada e a escrita. Se o objetivo de qualquer grafia é representar as palavras, ajustando-se a elas como a veste se ajusta ao corpo, como se explicam tantos símbolos inúteis, que tiram do idioma escrito a simplicidade primitiva da escrita pela fonética? (COUTINHO, 1974, p. 76).

2.3 Período simplificado

Como citado linhas atrás, nunca houve uniformidade de ortografia entre os nossos escritores, pois muitas vezes, de uma época para outra, havia divergência na escrita. No período simplificado, o mal se agravou tanto que cada autor tinha a própria grafia. Assim, “Garrett não escrevia como Herculano, nem Camilo igual a Latino”. (COUTINHO, 1974, p. 77).

Esse estado de coisas não podia continuar. Impunha-se a necessidade de uma reforma. Os partidários da simplificação da ortografia foram Verney, Morais e Castilho, no entanto os seus esforços não obtiveram efeito.

Apenas no início do século XX começa a *fase simplificada*, a qual surgiu com o trabalho do foneticista português Gonçalves Viana, que, estudando as tendências da fonética, publicou em 1904 o livro *Ortografia Nacional*, no qual desenvolve uma análise interna da língua. Os fundamentos de sua tese, em resumo, eram:

- a) Eliminação dos símbolos de etimologia grega (th, ph, ch \k\, rh, y);
- b) Eliminação de consoantes “mudas”: sancto-santo, septe-sete;
- c) Regularização da acentuação gráfica. (COUTINHO, 1974, p. 77-78)

A dívida com Gonçalves Viana, portanto, é a proposta de simplificação ortográfica que inspirou a aparência das ortografias usadas em Portugal e no Brasil no decorrer do século XX.

Para fornecer à língua algum tipo de uniformidade gráfica, o governo português nomeou uma comissão de linguistas, entre eles, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis, José Joaquim Nunes, Adolfo Coelho e Epifânio Dias. Depois de concluídas e conciliadas as opiniões quanto a uma reforma ortográfica, o trabalho foi encaminhado ao chefe do Executivo português, o qual o tornou obrigatório para Portugal e seus domínios, por portaria, em 1º de setembro de 1911.

Quando Portugal realizou sua reforma ortográfica de 1911, o entendimento com o Brasil para uma ortografia comum não aconteceu, e só teria início em 1924, chegando ao auge em 1931, com o Brasil adotando a ortografia simplificada. A ortografia hoje em vigor entre nós é essencialmente a do Formulário Ortográfico aprovado pela Academia Brasileira de Letras em 1943.

Dois anos se passaram. Brasil e Portugal voltariam a negociar um novo acordo. Portugal seguiu-o, mas o Congresso brasileiro não confirmou. A ortografia brasileira vigente só incorporaria algumas das alterações previstas no acordo de 1945 no ano de 1971.

3 O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CAUSAS E RELEVÂNCIA

Neste capítulo, serão estudadas as reformas ortográficas, independentes, feitas por Portugal, como também as feitas pelo Brasil, e os acordos ortográficos firmados entre Brasil, Portugal e outros países signatários.

Toda língua em uso está sujeita a variações fonéticas, morfológicas, sintáticas e vocabulares. É lógico que, sendo falada por uma população tão grande e em localidades tão diversas, a língua portuguesa apresenta razoáveis diferenças entre as variedades brasileira, europeia e africana. Sua escrita segue hoje dois sistemas ortográficos: o do Brasil e o de Portugal. Estes países, porém, estão convencidos de que é necessária não apenas uma ortografia oficial comum que atenda as dificuldades de ordem linguísticas, mas, sim, que também, abranja as de natureza política e pedagógica. Daí a união pela efetivação de um acordo ortográfico.

O primeiro passo para um amplo acordo ortográfico aconteceu em maio de 1986, no Rio de Janeiro, para onde seis países de língua oficial portuguesa mandaram seus representantes: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. O representante da Guiné-Bissau não compareceu por motivos alheios ao evento, e Timor-Leste ainda não era uma república independente (o seu primeiro referendo pela sua independência só ocorreu treze anos depois, em 1999, sendo escolhido seu primeiro presidente em eleições livres em 2001). (AZEREDO, 2009, p. 20,21,23).

A retomada dos entendimentos para a unificação resultou no acordo ortográfico de 1990, que, segundo sua redação original, entraria em vigor após a confirmação por todos os países que assinassem o documento, então em número de sete. Esta exigência foi alterada por nova deliberação, formalizada em agosto de 2004 graças ao segundo protocolo modificativo (transcrito neste volume), que definiu “a entrada em vigor do Acordo com o depósito dos instrumentos de ratificação por três países signatários”. O Brasil cumpriu esta exigência em 2004,

seguido de Cabo Verde, em fevereiro de 2006, e de São Tomé e Príncipe, em dezembro desse mesmo ano. (AZEREDO, 2009, p.18-19).

O fato de existirem divergências entre as ortografias oficiais da língua portuguesa traz problemas para a redação de documentos em tratados internacionais, como também para a publicação de obras de interesse público.

Com a independência política de São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e, mais recentemente, Timor-Leste, ex-colônias do Ultramar português, o problema tornou-se ainda mais complicado, havendo a necessidade de uma ortografia simplificada que abrangesse os oito países lusófonos. (AZEREDO, 2009, p. 20).

3.1 Divergências na ortografia da língua portuguesa

O novo Acordo é menos radical que o de 1986, procurando uma forma mais satisfatória de atender às necessidades linguísticas dos diferentes países que usam o português como língua de cultura. Este acordo é, também, uma forma de proteger a língua portuguesa de processos de degradação.

Os objetivos básicos que pretende atingir são dois: o primeiro é fixar e estreitar as diferenças de escrita que existem atualmente entre os falantes da língua; o segundo é dar oportunidade a uma comunidade que se constitua em um grupo linguístico expressivo, capaz de tornar mais ampla sua influência junto a organizações internacionais.

É necessário lembrar que a unificação da ortografia não tornaria uniforme ou padronizaria as variedades linguísticas em qualquer de seus aspectos (vocabulário, construção gramatical, ou pronúncia). Representantes desses países estão convencidos, porém, de que a inexistência de uma ortografia oficial

comum cria não apenas dificuldades de natureza linguística, mas também de natureza política e pedagógica. Dai o esforço que os une pela efetivação do novo Acordo.

As diversidades de uso fazem parte da língua e não estão sujeitas aos efeitos de atos normativos originários de qualquer autoridade pública. Embora as regras ortográficas sejam as mesmas para todos os países signatários, admitem-se, em certos casos, duplas grafias proporcionais às diferenças das normas cultas de pronúncias do português.

Por haver divergência sobre o acordo de 1986, representantes dos sete países de língua portuguesa reuniram-se em outubro de 1990, em Lisboa, tendo como objetivo chegar a uma conclusão sobre o impasse e, então, foi firmado um pacto permanente. O que resolveram os representantes daquelas sete nações foi:

- a) Os signatários do acordo deveriam torná-lo lei em seus respectivos países.
- b) A Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras ficariam responsáveis pela publicação de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa.

O novo Acordo confirma a vantagem do fundamento fonético em prejuízo do etimológico, ou seja, é o critério da pronúncia que justifica a existência de grafias duplas e a supressão das consoantes “mudas” ou as que não são articuladas. A pretensão do novo pacto é dar conta de 98% do vocabulário geral da língua portuguesa. (AZEREDO, 2009, p. 24).

3.2 Partes do novo Acordo Ortográfico relevantes na revisão de texto conforme as bases de que ele se constitui

Nesta seção, contrastaremos o estabelecido no acordo e a ortografia antes em vigor. Apenas as divergências serão explicitadas.

Base I

O alfabeto da língua portuguesa era composto de 23 letras e, com a inclusão do **k**, **w**, **y**, passa a ter 26, as quais são empregadas em diferentes situações: continuam sendo usadas, como antes, pois não houve mudança na regra atualmente vigente. Os antropônimos e topônimos continuam com suas origens de escrita: *Washington; Willian, Byron*, e as siglas e símbolos continuam com as mesmas representações gráficas: kg (quilograma); km (quilômetro); kHz (quilohertz). (AZEREDO, 2009, p.26).

Base IV

Constata-se o uso da dupla grafia por falta de uniformidade na pronúncia, dentre os países signatários, que continuam com algumas divergências na escrita, mesmo com o novo Acordo. Sendo assim, admite-se dupla grafia: *sector, setor; concepção, conceção*. Este é, também, o caso das sequências consonânticas **bd**, **bt**, **gd**, **mn** e **tm**, em que a primeira letra (**b**, **g**, **m** ou **t**) foi conservada ou eliminada facultativamente: *súbdito, súdito; subtil, sutil; amígdala, amídala; amnistia, anistia; aritmética, arimética*.

São também aceitas as formas (*bebê, bebé; cocó, cocô; ró, Rô; judo, judô; metro, metrô*). Existe uma oscilação de timbre em algumas paroxítonas cujas vogais tônicas em fim de sílaba são seguidas de **m** ou **n**, as quais acarretam mudança de acentuação gráfica: (*fêmur, fémur; ônix, ónix*). Admitem-se conjugações variantes: *negocio* ou *negoceio* (negócio). (AZEREDO, 2009, p. 29).

Base V

Foram alterados os sufixos **-iano** e **-iense**: mantém-se o *i* nos substantivos e nos adjetivos derivados, mesmo que as formas correspondentes primitivas possuam *e*: *acriano*, *de Acre*; *saussuriano*, *de (Ferdinand de) Saussure*; *torriense*, *de Torres*. Os substantivos que compõem variações de outros terminados por vogal devem sempre ser grafados com final **-io**, **-ia** átono (e não **-eo**, **-ea**): *veste*, *véstia*. (AZEREDO, 2009, p. 30).

Base VII

O que mudou nos ditongos abertos **éi**, **ói**, **éu** foi: continuam sendo acentuados nas palavras oxítonas (*farnéis*, *chapéu*, *lençóis*) e nos monossílabos tônicos (*léu*, *dói*, *céu*), além da acentuação na sílaba tônica das palavras proparoxítonas (*alcalóidico*, *aracnóideo*). Só perderam o acento agudo dos ditongos abertos das palavras paroxítonas (*assembleia*, *leia*, *jibóia*, *teteia*, *claraboia*, *heroico*). (AZEREDO, 2009, p. 32).

Base IX

São facultativos os acentos em algumas palavras, como **dêmos** (1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo), para se distinguir de **demós** (1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo), e em **fôrma** (substantivo), para distinguir-se de **forma** (substantivo ou verbo no presente do indicativo ou no imperativo).

Retira-se o acento circunflexo dos verbos nas 3ª pessoas do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos **crer**, **dar**, **ler**, **ver** e seus derivados: *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, *releem*. Não podemos confundir com as

formas da 3ª pessoa do plural dos verbos **ter**, **manter**, **reter** etc., as quais conservam o acento no plural: (eles) *têm*, *mantêm*, *retêm* etc.

Houve retirada, também, do acento circunflexo nas paroxítonas terminadas em **oo** (hiato): *enjoo*, *voo* (substantivo e verbo). Perdem o acento gráfico diferencial algumas palavras homógrafas, que eram acentuadas, passando a ser diferenciadas, somente pelo contexto.

Palavras Homógrafas:

“Palavras de mesma grafia, com significados distintos”.

| | |
|---|--|
| Para (<i>verbo</i>) | Para (<i>preposição</i>) |
| Pela (s) (<i>verbo e substantivo</i>) | Pela (s) (<i>per + La</i>) |
| Pelo (<i>verbo pelar</i>) | Pelo (s) (<i>per + ló e substantivo</i>) |
| Polo (s) (<i>substantivo</i>) | Polo (s) (<i>por + lo (s) (antigo e popular)</i>). |

Outras formas que deixam de ser acentuadas são as palavras paroxítonas nas quais as vogais tônicas **i** e **u** são precedidas de ditongos decrescentes: *feiura*, *boiuno*, *baiuca*. Deixam de existir os acentos agudos dos verbos **arguir** e **redarguir** no **u** **tônico** das formas rizotônicas: *arguis* (úis), *argui* (úi), *redarguem* (úem).

“Verbos de dupla grafia como **aguar**, **enxaguar**, **apaziguar**, **apropinuar**, **delinquir** têm dois modelos padrão”:

- com o **u** **tônico** nas formas rizotônicas sem o acento gráfico: *averiguo*, *averiguas*, *averigue*; *delinquo*, *delinquis* (1ª e 2ª pessoas do presente do indicativo, na norma europeia).

- “Com o **a** e **i** dos radicais tônicos e acentuados graficamente: *averíguo*, *averígue*; *delínquis*; *delínquo*, *delínquis*; *águo*, *águe*, *enxágue* (em uso no Brasil)”. (AZEREDO, 2009, p. 38-40).

Base XIV

Sobre a supressão do trema: não se usa mais o trema em palavras portuguesa ou aportuguesadas: *linguiça*, *cinquenta*, *tranquilo*, *delinquir*.

Base XV

Na regra do hífen, existem as palavras em que está sendo mantido, indicadas com (M), as de nova regra, que são indicadas por (N), e as alteradas, indicadas por (A).

M – “Nas palavras compostas por justaposição cujos elementos (substantivos, adjetivos, numerais ou verbo) constituem uma nova unidade morfológica e de sentido, mantendo o acento próprio, ainda que o primeiro elemento esteja reduzido: *sócio-gerente*, *arco-íris*, *afro-luso-brasileiro*”.

A – “Alguns compostos que eram juntos por hífen e que perderam a noção de composição grafam-se atualmente como uma única palavra: *paraquedas*, *paraquedista*, *girassol*, *passatempo*”.

N – “É empregado o hífen em topônimos iniciados por **grão** ou **grã**, por verbo ou se houver artigo entre os seus elementos: *Grã-Bretanha*, *Passa-Quatro*, *Baía de Todos-os-Santos*”.

N – “Emprega-se o hífen em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas: *batata-inglesa*, *bem-te-vi*”.

A – “Também se emprega o hífen em palavras cujo primeiro elemento da palavra composta for **bem** ou **mal** e o segundo elemento começar por **vogal** ou **h**: *bem-*

apanhado, bem-humorado, mal-habitado, mal-estar”. **Observação:** Quanto ao advérbio **bem**, pode ser ou não aglutinado ao segundo elemento, mesmo que este comece por consoante: *bem-nascido* (cf. *malnascido*), *benfeitor*.

A – Foi alterado o emprego do hífen se o primeiro elemento da palavra composta for: **além, aquém, recém, sem**: *além-túmulo, aquém-mar, recém-nascido, sem-teto*.

A – Foi alterado o emprego do hífen em encadeamentos vocabulares ocasionais bem como em combinações históricas ou de topônimos ocasionais: ponte *Rio-Niterói*; tratado *Angola-Brasil*. Azeredo (2009, p. 44) apresenta os quadros a seguir, que resumem as alterações do emprego do hífen.

Emprega-se o hífen obrigatoriamente, quando se trata da soma de duas ou mais identidades: *euro-africano, euro-afro-americano, indo-português, anglo-americano, franco-suíço, sino-japonês, ázio-europeu etc.* (AZEREDO, 2009, P. 62).

Mal como elemento (adverbial) só recebe hífen diante de **vogal** (*mal-afamado*), de **H** (*mal-humorado*), e de **L** (*mal-limpo*). Quando mal significa “doença”, haverá hífen (*mal-caduco, mal-canadense*). Exceção: se a palavra composta tiver um elemento de ligação, como (*mal-de-são-lázaro*), a Academia Brasileira de Letras Vai eliminar os seus hífen, tornando-a locução.

O acordo não fala do ou não do hífen em palavras formadas com os prefixos *ab-, ad-, ob-, sob-, e sub-* seguidos da consoante **r**. Esses, porém, são os únicos casos, no português, em que o **r** dos grupos **br** ou **dr** não representa uma vibrante velar (ex., em abraço). Será preferível, por esse motivo, manter a grafia consagrada com hífen (*ab-rogar, ad-renal, ob-rogar, sub-região etc.*), por se

tratar de duas sílabas separadas, com o **b** ou **d** fechando a sílaba anterior e o **r** abrindo a seguinte. (AZEREDO, 2009, P. 63).

QUADRO 2 - RESUMO DAS ALTERAÇÕES NO EMPREGO DO HÍFEN

| | | Primeiro elemento | Segundo elemento | Exemplos | Exceção |
|------------------|----------------|---|--|---|---|
| A A A M | REGRA GERAL | Prefixos (ante, anti, co, contra etc. Falsos prefixos (aero, agro, arqui, auto, bio etc. | Palavra iniciada por <i>h</i> | <i>Anti-higiênico</i> <i>Neo-helênico</i> | Não ocorre hífen Quando o primeiro elemento for dês ou in:desumano . |
| | | | Palavra iniciada pela mesma vogal com que termina o prefixo ou o falso prefixo | <i>Auto-observação</i> <i>Semi-interno</i> | o prefixo co sempre se aglutina ao segundo elemento: cooperar |
| | ESPECIFICAÇÕES | Circum, pan | Palavra iniciada por h, vogal, m, n | <i>Circum-navegação</i> | |
| | | Hiper, inter, super | Palavra iniciada por r | <i>Hiper-requintado</i> | |
| | | Ex.: (estado anterior, cessamento), sota, soto, vice, vizo. | Qualquer que seja | <i>Ex-presidente</i> | |

| | | | | |
|--|-----------------------------------|--------------------------------------|----------------------|---|
| | Pós, pré, pró (tônicos) | Palavra com tonicidade própria | <i>Pós-graduação</i> | As formas átonas aglutinam-se ao segundo elemento: <i>prever</i> . |
|--|-----------------------------------|--------------------------------------|----------------------|---|

QUADRO 3 - RESUMO DE ALTERAÇÃO DA RETIRADA DO HÍFEN

| Primeiro elemento | Segundo elemento | Exemplos |
|---|--|---|
| Prefixo ou falso prefixo terminado em vogal: co, micro, contra etc. | Palavra iniciada por r ou s (grafema que será duplicado) | <i>Cosseno,</i> <i>microssistema,</i> <i>Contrarregra</i> |
| | Palavra iniciada por vogal diferente daquela em que termina o primeiro elemento | <i>Autoestrada, antiaéreo,</i> <i>hidroelétrica</i> |

Falso prefixo:

Radical de origem grega ou latina que assume o sentido global de um vocábulo do qual antes era elemento componente. Exemplo: **auto** é radical grego que significa “por si mesmo, próprio”. Com esse sentido, entra na formação de palavras como automóvel. Na língua moderna, **auto** assume, então, o sentido especial de *automóvel*: “veículo movido por si mesmo”. Com esse novo sentido, funcionando como primeiro elemento ou falso prefixo, entra na formação de outras palavras: *autoestrada, autoescola*, como já foi visto antes no quadro acima. (AZEREDO, 2009, P. 44)

Para- pode ser um sufixo de origem grega ou um elemento de composição oriundo do verbo parar. No primeiro caso, usa-se o hífen quando o segundo elemento se inicia pela letra **a** ou por **h** (como em *para-hélio*). No segundo caso, emprega-se sempre o hífen (*para-raios*, por exemplo), exceto nas palavras consideradas como exceções pelo Acordo: *paraquedas*, *paraquedistas*.

No caso das palavras *co-herdade*, *co-herdar* e *co-herdeiro*, o Vocabulário Ortográfico da Academia de Letras passou a grafá-las sem o hífen e sem o **h**: *coerdade*, *coerdar* e *coerdeiro*. (AZEREDO, 2009, p. 63-64).

Considerando o projeto de texto de ortografia unificada de língua portuguesa aprovado em Lisboa, em 12 de outubro de 1990, pela Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações dos países signatários, com a adesão da delegação de observadores da Galiza, constitui um passo importante para a defesa da língua portuguesa e para o seu prestígio internacional. (AZEREDO, 2009, p. 65)

CONCLUSÃO

Pretendeu-se, com este trabalho de pesquisa, não só responder às questões ortográficas que envolvem a história da língua portuguesa na sua origem, como também as fases de sua evolução. Foi abordada a época em que surgiram os primeiros documentos escritos, no século XII, passando pelas reformas ortográficas e os acordos firmados entre os países lusófonos, os quais contribuíram para que a linguagem escrita tivesse uma estrutura comum a todos os países falantes da língua portuguesa.

Foi feito um estudo comparativo entre bibliografias antigas e atuais, para que se tivesse uma visão mais exata das mudanças ocorridas na língua. Para a

identificação das mudanças, comparou-se a estrutura da escrita antiga, com suas consoantes dobradas, por etimologia, com a escrita atual. Percebeu-se um ganho significativo para a escrita, pois o sistema simplificado exige menos do redator, pois se sabe que, pela escrita etimológica, no período anterior, seria essencial conhecer vários idiomas.

Para que a língua portuguesa alcançasse a feição atual, foram necessários vários séculos de evolução. Sua origem no centro da península Itálica (o Lácio), com a língua latina – com o relevante papel exercido na história da civilização ocidental –, e a relação intrínseca que se apresenta entre o período histórico e o estado atual, remontando ao passado, às origens, do seu período de formação, explicam as transformações pelas quais essa língua passou.

A língua foi estudada como meio de comunicação e, também, como, patrimônio histórico, o qual é construído pelas sociedades que a falam. O estudo, também foi abrangente na focalização da língua, no decorrer do tempo, datas e etapas de sua existência, sendo, assim estudada de duas formas: interna e externa.

Com o resultado obtido por meio deste trabalho, confirma-se a relevância das reformas e dos acordos ortográficos, na relação entre os falantes de língua portuguesa, pois possibilitaram comunicação mais abrangente, constituindo instrumento de interações humanas e facilitando a compreensão, o entendimento e a responsabilidade social entre os falantes desta língua.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, F. V. P. **Noções de História da Língua Portuguesa**. I volume, Lisboa, oficinas da IMPRENSA PORTUGUESA, 1959.
- HEITLINGER, P. **Alfabetos**. 1 ed. Lisboa, Dinalivro, 2011. Disponível em: <<http://www.tipógrafos.net/escrita/escrita-do-sudoeste.html>>. Acesso em: 27 de junho de 2013 às 10h 20min.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão** 1 ed.- 5 reimpressão, São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 6 ed. Lisboa, AZEREDO, J. C. **Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa**, Instituto Antonio Houaiss. 3 ed. São Paulo, Publifolha, 2009.
- BASILIO, M. **Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil**. 1 ed. São Paulo, Editora: Contexto, 2004.
- CAMARA JUNIOR, J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 28 ed. – Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.
- CUNHA, C. F. **Gramática da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro, FENAME, 1977.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica**. 6 ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.
- FÁVERO, L. L.; KOCK, I. V. **Linguística Textual: introdução**. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2005.
- Livraria Clássica Editora, 1960.

ANEXO – ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1990)

Versão simplificada do Acordo

Apresentamos no anexo, as partes mais relevantes da elaboração do Acordo Ortográfico firmado em 1990.

O novo Acordo está organizado em 21 bases, as quais abordam os seguintes tópicos:

Base I – Alfabeto e grafia de nomes próprios estrangeiros

Base II – Uso do *h*

Base III – Grafemas consonânticos

Base IV – Sequências consonânticas

Bases V – Vogais átonas

Base VI – Vogais nasais

Base VII – Ditongos

Base VIII, IX, X, XI, XII, XIII – Acentuação gráfica

Base XIV – Uso do trema

Base XV, XVI, XVII – Uso do hífen

Base XVIII – Uso do apóstrofo

Base XIX – Uso das letras maiúsculas e minúsculas

Base XX – Divisão silábica

Base XXI – Grafia de assinaturas e firmas

Esta é uma síntese dos itens que mais possam interessar aos leitores e professores de língua portuguesa. As informações repassadas são resumidas e usam de linguagem acessível, há um quadro resumo para facilitar a leitura desses textos e compreender se o que foi alterado e o que continuou igual, cada regra vem precedida das seguintes letras:

QUADRO RESUMO

N (Novo) Regra nova, sem correspondente no novo sistema ortográfico

vigente (algumas vezes trata-se apenas de fixar normas para usos ortográficos já consagrados);

A (Alterado) Houve mudança na regra atualmente vigente;

M (Mantido) Não houve mudança na regra atualmente vigente;

DG (Dupla grafia) Aceitam-se duas ortografias oficiais em razão de diferentes pronúncias cultas da língua

Base I

“Explicação sobre o alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados

A 1. O alfabeto da língua portuguesa era composto de 23 letras passando a ter na nova Composição 26 letras, com a introdução de **K, W, Y**.

M 2. Empregam-se as letras **K, W, Y** em casos especiais:

- a) Em nomes próprios de pessoas (**antropônimos**) originários de outras línguas e em derivados: *Byron, byroniano*.

- b) em nomes próprios de lugar (**topônimos**) de outras línguas e em seus derivados:

Malawi, malawiano.

- c) em siglas, símbolos e palavras adotadas como unidade de medida de uso internacional: kg (quilo)”.

M 3. Os vocábulos derivados de nomes próprios estrangeiros mantêm”

“Seus **sinais diacríticos** e suas sequências de letras, mesmo que estes não sejam próprios da nossa língua escrita. Conservam-se, assim, exemplo, a sequência **sh** em *shakespeariano* (de Shakespeare), a sequência **MT** em *comtista* (de comte), sequência **tt** *garrettiano* (de garrett), o trema em *mülleriano* (de Müller) etc”. (AZEREDO, 2009, p. 26).

Sinais diacríticos

“Sinais que conferem às letras ou grupos de letras um valor fonológico especial. Os sinais diacríticos usados na língua portuguesa são: acento agudo (´), acento grave (`), acento circunflexo (^), trema (¨), til (~), hífen (-), cedilha (ç)”.

N – No caso de nomes de pessoas (**antropônimos**) de origem hebraica,

Os dígrafos *ch, ph, th* podem conservar-se na escrita, por exemplo, *Baruch, Loth, Ziph*, ou podem ser simplificados, grafando-se *Baruc, Lot, Zip*. O Acordo aceita as duas formas.

N – No caso de nomes de pessoas ou de lugares da tradição bíblica

Terminados por *b, c, d, g e t*, essas letras podem manter - se na Escrita, se o uso consagrou as assim: Jacob, Isaac, Magog, Josafat

N – O Acordo, também sugere que, sempre que houver a possibilidade,

No caso dos nomes próprios de lugar (**topônimos**) estrangeiros, se

Use o tipo determinado em nossa língua, exemplo, em vez de

Zürik usa-se Zurique.

Base II

Emprego do *h* inicial e final:

M a) emprega-se o *h* inicial em relação a origem da palavra: *homine* (latim),

Homem.

Ou por adoção convencional: *hã?*, *hem?*, *hum!*.

M Eliminação do *h* inicial:

a) quando, apesar da etimologia, o uso, consagrou a sua supressão, como em *erva*, em vez de *herva*.

b) Os vocábulos compostos em que o segundo elemento, iniciado com *h* se aglutina ao primeiro: re- + habilitar = reabilitar.

M Fica mantido o *h* inicial do segundo elemento dos vocábulos compostos,

Como também, seus derivados ligados ao primeiro por meio de hífen:

Sobre-humano.

M Continua sendo empregado o *h* final em interjeições: *ah!*. (AZEREDO,

2009, p. 28).

Base III

Sobre a *homofonia* de certos *grafemas consonânticos*

Homofonia:

grafemas consonânticos

Som ou pronúncia semelhante sinais gráficos (letras) representativos

Consonantais.

M “Constituem os grafemas consonânticos da língua portuguesa:

- **Ch** e **x**: macho, xadrez;
- **g** e **j**: girafa, jejum;
- **s, ss, c, ç, e x**: *selim, amassar, cetim, moça, máximo*;
- **s** (em final de sílabas), **x** e **z**: *esgotar, explicar, velozmente*;
- **s** (final de palavra), **x** e **z**: *anis, cálix, dez*;
- **s, x e z** (no interior da palavra): *Brasil, exercito, pureza*”.

Base IV

“As sequências consonânticas

1. Nas **sequências consonânticas interiores cc, çç, ct, PC, e pt,**

a primeira letra (**c** ou **p**) ora se conserva, ora se elimina.

Sequências consonânticas interiores:

Sequência de consoantes que não se encontram nem no início nem no final da palavra. Exemplo: pacto, inepto.

As pronúncias cultas da língua são o que determina a sua conservação e/ou sua eliminação:

M a) quando existe uniformidade nessas pronúncias, no que diz respeito aos países signatários do Acordo, a grafia será única: *ficção, apto, ato, Egito*”. **o**”. **DG**

b) quando não existe uniformidade, admite-se duas grafias:

Setctor, setor; concepção, conceção.

No caso de sequência consonânticas interiores **mpc**, **mpç**, e **mpt**, se o **p** for eliminado, a letra **m** passa a **n**: *Assumpção, assunção; sumptuoso, suntuoso*.

DG nas sequências consonânticas **bd**, **bt**, **gd**, **mn**, e **tm**, a primeira letra (**b,g,m** ou **t**) conserva-se ou elimina-se não obrigatoriamente, uma vez que na língua não existe semelhança de pronúncia: *súbdito, súdito; subtil, sutil; amígdala, amídala; amnistia, anistia; aritmética, arimética*”.

Base V

Sobre as vogais átonas

M 1. “A **etimologia** e a história das palavras especifica o emprego do **e** ou do **i**, do **o** ou do **u**, em sílaba átona: *peanha, lampião; goela, tabuada*.

Etimologia:

Estudo da evolução e origem das palavras.

2. Os dicionários e os vocabulários devem ser consultados sempre que existam dúvidas. Contudo, podem ser sistematizados alguns empregos dessas vogais:

M a) Substantivos e adjetivos derivados de substantivos terminados em **-eio** e **-eia** (ou que fazem relação direta com eles) escrevem-se com **e**: *cadeeiro, de candeia: pequeno aparelho feito de lata que serve para iluminar; areal de areia*.

M b) Se a palavra primitiva termina em **e** tônico (cujo podendo representar um antigo hiato **ea**, **ee**), os derivados escrevem-se com **e**, antes de vogal ou ditongo: *daomeano, de daomé; guineense, de guiné*”.

A c) “Os sufixos **-iano** e **-iense** mantém o **i** nos substantivos e adjetivos derivados, mesmo que as relativas formas primitivas possuam **e**: *acriano, de Acre; saussuriano, de Saussure; torriense, de Torres.*

N d) Substantivos que fazem parte das variações de outros terminados por vogal devem ser grafados sempre com final **-io, ia** átono (e não **-eo, ea**): *veste, vestia.*

O item **e** abrange quatro resoluções para os verbos terminados em **-ear** e **-iar**.

M e) Os verbos terminados em **-ear**, no presente do indicativo e nas formas dele, as derivadas (presente do subjuntivo e imperativo), recebem um **i**, porque possuíam essa letra no substantivo primitivo (*encadear [de cadeia], encadeio, encadeiam*) porque possuem **flexões rizotônicas** (*clarear [de claro], clareio, de clareiam*)”.

Flexão rizotônica:

“Forma verbal cuja sílaba tônica cai em uma das sílabas do radical.

M e) Os verbos terminados em **-iar** normalmente distinguem-se dos terminados em **-ear** no presente do indicativo. Exemplo: *acariciar, acarício.*

M e) Continuando com os verbos terminados em **-iar**, há dois outros grupos que devem ser observados. No primeiro, incluem-se *mediar, ansiar, remediar,*

*incendiar, odiar (medeio, anseio etc.), esses verbos fazem a terminação no presente do indicativo como os terminados em **-ear**.*

DG e) No segundo grupo, verbos ligados a substantivos com as terminações átonas **-ia, -io** admitem conjugações variantes: *negocio ou negoceio (cf. negócio).*

M f) Não se deve empregar o **u** final átono em palavras de origem latina: *moto*, e *não mótu*.

M g) Os verbos em **-oar** possuem **o** nas formas rizotônicas: *abençoar*, *abençoo*; *magoar*, *magoam*.

Os verbos em **-uar** possuem **u** na sílaba tônica: *acentuar*, *acentuo*.

Base VI

Sobre as vogais nasais

M “1. Usa-se **ã** em fim de palavra ou elemento seguido de hífen: *lã*, *Grã-Bretanha*.

Usa-se **m** em fim de palavra com vogal diferente de **-a**: *clarim*.

Usa-se **n** em fim de palavra com vogal diferente de **-a**, seguida de **s**: semitons.

M 2. Mantém-se o **ã** da palavra primitiva em derivados com sufixo **-mente** ou sufixo iniciado por **-z**: *irmãmente*, *romãzeira*”.

Base VII

Sobre os ditongos.

“**M** 1. Os ditongos orais, em posição tônica ou átona, escrevem-se **ai**, **au**, **eu**, **ei**, **iu**, **oi**, **ou**, **ui**: *gaita*, *baixote*; *caule*, *mausoléu*; *correu*, *endeusar*; *leito*, *meirinho*; *floriu*, *miuçalha*; *açoite*, *açoitar*; *regouga*, *retoucar*; *fortuito*, *uivo*.

A Os ditongos abertos **ei**, **eu**, **oi** são grafados com acento agudo apenas quando em sílaba final (*fornéis*, *chapéu*, *lençóis*), nos monossílabos tônicos (*léu*, *dói*) e quando ocorrem na sílaba tônica das palavras proparoxítonas (*alcalóidico*, *aracnóideo*). Não mais se assinala o ditongo aberto em palavras paroxítona: *teteia*, *jiboia*, *heroico*, *assembleia*, *leia*, *claraboia*.

Observação: excepcionalmente, grafa-se **ae** (=âi ou ai) nos antropônimos *Caetano, Caetana* e seus derivados e compostos”.

“Da mesma forma, grafa-se **ao** (= âu ou au) nas combinações da preposição **a** com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo: **ao, aos**”.

Em relação aos ditongos orais, ocorrem as seguintes normas particulares:

M a) Os verbos terminados em **-uir** mantém a letra **i** nas 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo, e na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo: *possuis, possui*. Portanto, esse ditongo é grafado **ui** também nos substantivos (*Rui*). Padroniza-se, assim, o uso do **i** neste ditongo (**ui**) e nos ditongos paralelos **ai** e **oi**, como nos verbos terminados em **-air** e **-oer** (*atrai, mói*).

M b) Em palavras de origem latina, a união de um **u** a um **i** átono sempre é representada por: **ui** *fluido, gratuito*. No entanto, essa mesma sequência de letras pode representar um hiato e as vogais **u** e **i** são pronunciadas separado: *fluidez, gratuidade*.

M c) Além dos ditongos orais decrescentes, podem representar ditongos orais crescentes as sequências vocálicas pós-tônicas **ea, eo, ia, ie, io, oa, ua, ue, uo**: *áurea, óleo, calúnia, espécie, exímio, mágoa, míngua, tênuê/tênue, trídue*.

Quanto aos ditongos nasais:

M Os ditongos nasais podem ser representados por vogal com til e **semivogais**: **-ãe** (oxítonos e derivados), **-ãi** (paroxítonos e derivados), **-ão** e **-õe**: *pãezinhos, cãibra, sótão, limões*”.

Semivogais:

O **i** e o **u**, as mais comuns, quando acompanha vogal numa mesma sílaba, no início ou no fim dessa sílaba (nunca no meio).

Observação: o ditongo **ui** é grafado sem o til nas formas **muito** e **mui**. Obedecendo às pronúncias cultas da língua, **ruim** tem hiato.

M b) Os ditongos nasais podem ser representados por **vogal** seguida de **m**:

- **-am**, em sílaba átona de formas verbais: *cantam*;
- **-em**, em sílabas átonas ou tônicas de diversas categorias morfológicas, incluindo verbos. Apresenta variações gráficas, determinadas pela posição, ou pela acentuação: *sem*, *virgem*, *convém*, *benquisto*, *têm* (3ª pessoa do plural), *parabéns*.

Base VIII

Sobre acentuação gráfica das palavras oxítonas

1. Emprega-se o acento agudo:

M a) Nas vogais abertas **a**, **e**, **o** – seguido ou não de **s** – os monossílabos

Tônicos, ou quando ocupam a última sílaba dos vocábulos oxítonos: *já*, *é*, *pó*,

Pontapé, *paletós*.

DG Observação:

A vogal **e** de certas palavras, nas pronúncias cultas da língua portuguesa, pode

ser aberta ou fechada, aceitando, portanto, o acento agudo ou o circunflexo:

bebê, bebé. Valendo, assim, o mesmo para: *cocó* e *cocô*, *ró* e *Rô* (designação

letra do alfabeto grego).

São também admitidas ao lado das formas *judô* e *metrô*, *judô* e *metro* (paroxítonas).

M b) Em formas verbais que se tornam oxítonas terminadas pela vogal aberta **a**, em virtude da conjugação com os pronomes **-lo (s)** ou **-la (s)**: dá-la (de dar + La), *habitá-la-ás* (*habitar* + *La* + *ás*).

Habitá-la-ás/compô-lo-ei:

a acentuação gráfica das formas verbais

habitar + *ló* = *habitá-lo*,

obedece às mesmas regras das demais

compôs + *La* = *compô-la*,

palavras: *habitarás*, *compôs* (oxítonos ter-

fez + *los* = *fê-los*,

minados em **as/os**). A essas formas podem

juntar-se pronomes pessoais átonos. Em ca-

so de ênclise, há a queda de consoantes fi-

nais (**r, s, z**) e a adequada acentuação grá-

fica da vogal (**a, e, o**) da sílaba tônica:

Se o pronome ocorre em mesóclise, cai o **r**

habitarás + *La* = *habita-la-ás*,

que inicia a sílaba tônica, e a vogal

habitaríamos + *lós* = *habitá-los-*

precedente leva acento gráfico como

-íamos

nos casos ao lado.

Lerei + o = lê-lo-ei,

comporia + La = compô-la-ia.

M c) Em oxítonas com mais de uma sílaba, terminadas em **-em** ou **-ens**: *harém,*

Parabéns.

Observação:

Os verbos terminados em **ter** e **vir** na 3ª pessoa do plural recebem acento circunflexo: *sustêm, provêm.*

M d) Em monossílabos tônicos e palavras oxítonas terminadas nos ditongos abertos **-éis, eu(s), -ói(s)**: *fiéis, véu(s), herói(s).*

1. Sobre o emprego do acento circunflexo:

M a) Em oxítonas terminadas em nas vogais fechadas **e** ou **o**, seguidas ou não de **s** *lê(s) (verbo ler), robô(s).*

M b) Em formas verbais que se tornam oxítonas terminadas pelas vogais fechadas **e** ou **o**, em virtude da conjugação com os pronomes **-lo(s)** ou **-la(s)**: *tê-la (de ter + La), compô-la (de compor + La e de compôs + La).*

M c) Na forma verbal **pôr**, para distingui-la da preposição **por**.

Base IX

Sobre a acentuação gráfica das palavras paroxítonas

M 1. As paroxítonas habitualmente não são acentuadas.

2. Emprega-se, no entanto, o acento agudo:

Nas paroxítonas cuja vogal tônica é **a, e, o** (abertas), **i, u**, terminadas em:

L, N, X, PS, R, Ã(S), ÃO(S), EI(S), I(S), UM, UNS, US.

| | |
|-------------------|------------------------------|
| <i>l: lavável</i> | <i>ã(s): órfãos</i> |
| <i>n: éden</i> | <i>ão(s): sótão</i> |
| <i>x: tórax</i> | <i>ei(s): jóquei</i> |
| <i>ps: bíceps</i> | <i>i(s): júri</i> |
| <i>r: açúcar</i> | <i>um, uns: álbum/álbuns</i> |
| | <i>us: vírus</i> |

As formas do plural relativas a cada uma dessas palavras normalmente seguem a mesma regra (*laváveis, tórax, bíceps*), exceto algumas palavras (*almíscares, cadáveres, açúcares*), que passam a pertencer à classe das proparoxítonas.

As paroxítonas terminadas em **-ens** não são acentuadas: *edens, hífens, liquens*.

DG b) Algumas paroxítonas cujas vogais tônicas em fim de sílaba são seguidas de **m** ou **n** apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua, acarretando oscilação de acento gráfico: *fémur, fêmur, ónix, ônix*.

DG A primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo pode ou não receber acento gráfico, para distinguir-se da primeira pessoa do plural do presente do indicativo: *amámos, amamos*.

O acento circunflexo é empregado:

M a) Nas paroxítonas cuja vogal tônica é **a, e, o** (fechadas), terminadas em:

| | |
|--------------------|-----------------------|
| <i>L: cônsul</i> | <i>ão (s): bênção</i> |
| <i>N: plâncton</i> | <i>eis: têxteis</i> |
| <i>R: câncer</i> | <i>i (s): Mênfis</i> |
| <i>X: ônix</i> | <i>us: ânus</i> |

(AZEREDO, 2009,p. 36-37)

As formas do plural relativas a cada uma dessas palavras normalmente seguem a mesma regra, exceto algumas palavras (*cônsules, cânceres, âmbar*), que *passam a pertencer a classe das proparoxítonas.*

M b) Empregam-se, também, acento circunflexo nas 3ª pessoas do plural dos verbos **ter** e **vir**, a fim de se distinguirem das terceiras pessoas do singular: *têm, vêm.*

M a) Emprega-se também o acento circunflexo, em **pôde** (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito indicativo) para se diferenciar de **pode** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

DG b) **facultativo** em **dêmos** (1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo), para diferenciar de **demós** (1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo), e em **fôrma** (substantivo), para diferenciar de **forma** (substantivo ou verbo no presente do indicativo ou no imperativo).

A 7. Não se emprega o acento circunflexo nas 3ª pessoas do plural do presente do indicativo, ou do subjuntivo dos verbos **crer, dar, ler, ver** e seus derivados: *creem, Deem, leem veem, releem.*

Observação: é importante não confundir com as formas da 3ª pessoa do plural dos verbos **ter, manter, reter** etc., estes conservam o acento: (eles) *têm, mantêm, retêm* etc.

A 8. O acento circunflexo não é usado nas paroxítonas terminadas em **oo** (hiato): *enjoo, voo* (substantivo e verbo).

A 9. Foram retirados os acentos gráficos das palavras homógrafa **Palavras homógrafas:** são pala de mesma grafia, com significados diferentes. Ex.: *cedo* (advérbio) e *cedo* (do verbo ceder).

| | |
|---|---|
| Para (<i>verbo parar</i>) | Para (<i>preposição</i>) |
| Pela (s) (<i>verbo e substantivo</i>) | Pela (s) (<i>per + La</i>) |
| Pelo (<i>verbo</i>) | Pelo (s) (<i>per + lo e substantivo</i>) |
| Polo (s) (<i>substantivo</i>) | Polo (s) (<i>por + lo</i>) (s) <i>antigo e popular</i>). |

M 10. Não se usa acento gráfico para diferenciar paroxítonas com a mesma grafia (homógrafas), mas com pronúncias diferentes (heterofônicas): *governo* (substantivo) e (eu) *governo* (do verbo governar); *acordo* (substantivo), *acordo* (verbo acordar).

Base X

Sobre a acentuação das vogais tônicas grafadas i e u das palavras oxítonas e paroxítonas. **M 1.** Recebem acento agudo o **i** e o **u**, quando representam, em posição Tônica, a segunda vogal de um hiato, desde que estes não estejam seguidos de **l, m, n, nh, r** e **z**: *país, ciúme; mas, rainha, Paul, ruim, ruins*.

O plural de *paul* é *pauis*, também sem acento gráfico (**u** tônico, formando hiato, e seguido de uma semivogal).

M 2. Recebem acento agudo as formas oxítonas de verbos em **-air** e **uir** quando se combinam com formas pronominais enclíticas: *atraí-lo* (de atrair + *ló*), *possuí-la-às* (de possuir + *La* + *às*).

A 3. Não recebem acento agudo as palavras paroxítonas as quais as vogais tônicas **i** e **u** são antecedidas de ditongos decrescente: *feiura*, *boiuno*, *baiuca*.

M 4. Recebem acento agudo as palavras oxítonas as quais as vogais tônicas **i** e **u** são antecedidas de ditongo: *Piauí*, *tuiuíus*.

M 5. Não recebem acento agudo os ditongos tônicos **iu**, **ui** antecedentes de vogal: *distraiu*, *pauis*.

6. Referente à acentuação dos seguintes verbos:

A a) **arguir** e **redarguir** foi retirado o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas rizotônicas: *arguis* (úis), *argui* (úi), *redarguem* (úem).

DG b) Verbos como **aguar**, **enxaguar**, **apaziguar**, **apropinuar**,

- Com o **u** tônico em formas rizotônicas sem acento gráfico: *averiguo*, *averiguas*, *averigue*, *delinquo*, *delinquis* (1ª e 2ª pessoas do presente do indicativo, na norma europeia).
- Com o **a** ou **i** dos radicais tônicos e: acentuados graficamente: *averíguo*, *averígue*; *delínques*; *águo*, *águe*, *enxágue*, (em uso no Brasil).

M b) Verbos em **-inguir** dos quais o **u** não é pronunciado e verbos em **-ingir** possuem grafias regulares: *atingir*, *atinjo*, *atinjas*; *distinguir*, *distingue*, *distinguimos*.

Base XI

Sobre a acentuação gráfica das proparoxítonas

M 1. São acentuadas todas as proparoxítonas. Recebem acento agudo se a sílaba tônica for composta de vogal ou ditongo aberto: *tomógrafo, récita, cáustico*; recebem acento circunflexo: se a sílaba tônica for composta de vogal ou ditongo fechado: *ânimo, plêiade*. São incluídas na mesma regra as proparoxítonas aparentes, isto é, as terminadas em ditongos crescentes: *divisória, amêndoa*.

DG 2. Algumas proparoxítonas, reais e aparentes, das quais as vogais tônicas em fim de sílabas são seguidas de **m** ou **n**, apresentam alteração de timbre nas pronúncias cultas da língua, acarretando alteração de acento gráfico: *gênero, género; Antônio, António*.

Base XII

Sobre o emprego do acento grave

M Emprega-se o acento grave para assinalar a contração:

- a) da preposição **a** com as formas femininas do artigo definido ou pronome demonstrativo: *à (s)*;
- b) da preposição **a** com os demonstrativos **aquele (s), aquela (s), aquilo**: *àquele (s), àquela (s), àquilo*;
- c) da preposição **a** com **aqueloutro** suas flexões: *àqueloutro (s), àqueloutra (s)*.

Base XIII

Sobre a supressão dos acentos em palavras derivadas

M “O acréscimo do sufixo **-mente** ou de um sufixo iniciado por **-z** determina a mudança da sílaba tônica (da palavra primitiva para a derivada). Assim, se a palavra primitiva possui acento gráfico (agudo ou circunflexo) ele é suprimido: *simultâneo, simultaneamente; céu, ceuzinho*”.

Base XIV

Sobre o trema

A a) O trema é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aportuguesadas: *tranquilo, delinquir*.

M b) Conserva-se, no entanto, em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *Mülleriano, de Müller*.

Base XV

Sobre o hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares

1. Emprega-se o hífen:

M a) Nas palavras compostas por justaposição cujos elementos (substantivos, adjetivos, numerais ou verbos) constituem uma nova unidade morfológica e de sentido, mantendo o acento próprio, ainda que o primeiro elemento esteja reduzido: *sócio-gerente, arco-íris, afro-luso-brasileiro*.

A Observação: alguns compostos em que se perdeu a noção de composição grafam-se como uma única palavra: *paraquedas, paraquedista, girassol, passatempo* etc.

N 2. Empregam-se o hífen em topônimos iniciados por **grão** ou **grã**, por verbo ou se houver artigo entre os seus elementos: *Grã-Bretanha, Passa-quarto, Baía de todos-os-santos*.

Observação: os demais topônimos compostos são escritos sem hífen: *América do sul*. Duas exceções: *Guiné-Bissau, Timor-Leste*.

N 3. Empregam-se o hífen em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas: *batata-inglesa, bem-te-vi*.

A 4. Empregam-se o hífen quando o primeiro elemento da palavra composta for **bem** ou **mal** e o segundo elemento começar por **vogal** ou **h**: *bem-apanhado, bem-humorado, mal-habitado, mal-estar*.

Observação: O advérbio **bem** pode ou não aglutinar-se ao segundo elemento ainda que esse comece por consoante: *bem-nascido* (cf. *malnascido*), *benfeitor*.

A 5. Emprega-se o hífen se o primeiro elemento da palavra composta for: **além, aquém, recém, sem**: *além-túmulo, aquém-mar, recém-nascido, sem-teto*.

M 6. Não se emprega hífen em locuções:

- a) Substantivas: *fim de semana*;
- b) Adjetivas: *café com leite*;
- c) Pronominais: *nós mesmos*;
- d) Adverbiais: *à vontade*;
- e) Prepositivas: *a fim de*;
- f) Conjuncionais: *logo que*.

Fazem exceção a esta regra palavras cuja grafia está consagrada pelo uso: *cor-de-rosa, mais-que-perfeito*.

A 7. Emprega-se o hífen em encadeamentos vocabulares ocasionais bem como em combinações históricas ou de topônimos ocasionais: *ponte Rio-Niterói; tratado Angola-Brasil.*

Base XVI

Sobre o hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

Recomposição:

Processo de formação de palavras que envolvem um elemento que, embora na origem seja um radical, mudou seu significado na língua moderna e passou a funcionar como um **falso prefixo**. Exemplo: **aero** em *aeromoça*.

Falso prefixo:

radical de origem grega ou latina que assume o sentido global de um vocábulo do qual antes era elemento componente. Exemplo: **auto** é radical grego que significa “por si mesmo, próprio”. Com esse sentido, entra na formação de palavras como *automóvel*. Na língua moderna, **auto** assume, então, o sentido especial de *automóvel*: “veículo movido por si mesmo” . Com esse novo sentido, funcionando como primeiro elemento ou falso prefixo, entra na formação de outras palavras: *autoestrada, autoescola*.

Base XVII

Sobre o hífen na ênclise, na tmese e com o verbo *haver*

Ênclise:

Incorporação, na pronúncia, de um vocábulo átono ao que o antecede, subordinando-se o átono ao acento tônico do outro. Exemplo: *peguei-o há de*.

Tmese ou mesóclise:

Colocação do pronome oblíquo átono entre o radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito. Exemplo: *amá-la-ia*.

1. Empregam-se o hífen:

M a) Na ênclise e na mesóclise: *adora-lo, enviar-lhe-emos*.

M b) Com os verbos **querer** e **requerer** o uso consagrou **quere-o (s), requiere-o (s)**, deixando de lado as formas **qué-lo**, e **requé-lo** também corretas.

M c) Recebem hífen as combinações pronominais, quando em próclise (esperamos que **no-lo** comprem), e as formas pronominais enclíticas ao advérbio **eis (eis-me, ei-lo)**.

M 2. Não se emprega hífen para ligar as formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo **haver** à preposição **de**: *hei-de*.

Base XVIII

Sobre o apóstrofo

1. São os seguintes os casos de apóstrofo:

N a) Para separar graficamente **contração** ou **aglutinação** de preposições e conjuntos vocabulares distintos; d'Os Lusíadas.

Contração:

Aglutinação de dois vocábulos gramaticais para formar um terceiro. Em português, há dois tipos de contração: de algumas preposições com artigos (*a + o*

= *ao*; *a + a = à* etc.); dos pronomes **o**, **os**, **a**, **as** com outros pronomes oblíquos (*me + o = mo*; *lhe + a = lha* etc.).

Aglutinação:

Perda de delimitação vocabular entre duas formas que se reúnem por composição ou derivação e passam a construir um único vocábulo fonético: *aguardente água + ardente*).

Também é correto o uso da não contração: de *Os Sertões*.

N b) Para separar graficamente contrações ou aglutinações de preposições ou pronomes de formas pronominais maiúsculas referentes a entidades religiosas (Jesus, Providência). Exemplo: Creio em Deus, confio *n'ele* (**ele** referindo-se a Deus).

Pode ocorrer a dissolução gráfica da preposição **a** de formas pronominais maiúscula e, nesses casos, não se emprega o apóstrofo. Exemplo: Agradeço **a** Aquela que nos protege (referindo-se à providência).

N a) Para marcar a elisão das vogais finais **o**, **a** de **santo** e **santa** com os nomes dos mesmos: *Sant'Ana*. Se essas ligações se tornam unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos; ilha de *Santiago* (*santo = Tiago*).

Da mesma forma, nos nomes próprios de pessoas, quando se elide um **o** final do primeiro elemento, usa-se o apóstrofo: *Pedr'Álvares*.

Em todos esses casos, são obviamente corretas também as grafias sem o uso do apóstrofo: *Santa Ana*, *Pedro Álvares*.

M d) Para assinalar, no interior de certos compostos, a **elisão** do **e**, da preposição **de**, em combinação com substantivos: *frango d'água*.

Elisão

Modificação fonética decorrente do desaparecimento da vogal final átona diante da inicial vocálica da palavra seguinte.

M 2. Não se usa apóstrofe nas combinações das preposições **de** e **em** com:

- formas do artigo definido: *do, da*;
- formas pronominais: *desses, daquela*;
- formas adverbiais: *daqui, dali*.

Tais combinações podem ser representadas:

a) por uma só forma vocabular, quando constituem, de modo fixo, uniões

perfeitas: é o caso das formas citadas anteriormente;

b) por uma ou duas formas vocabulares, quando não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas: **de um** (*ou dum*), **de algum** (*ou dalgum*), **de outro** (*ou doutro*). É correto, portanto, **de ora avante** ou **doravante**.

Observação: Não se emprega o apóstrofo nem se funde a preposição **de** com a forma imediata, escrevendo-se as duas separadamente quando ocorrer.

Base XIX

Das minúsculas e maiúsculas

N 1. Emprega-se letra minúscula inicial:

- a) Nos usos correntes de todos os vocábulos da língua.
- b) Nos nomes de dias, meses, estações do ano.
- c) Nas palavras *fulano, sicrano, beltrano*.
- d) Nos pontos cardeais mas não em suas abreviaturas).
- e) Nos **axiônimos** e **hagiônimos** (neste caso, é facultativo o emprego de maiúscula): *senhor doutor Joaquim da Silva, Senhor Doutor Joaquim da Silva; santa Filomena, Santa Filomena*.

Observação: Após o primeiro elemento, que é em maiúscula, os demais vocábulos da mesma indicação bibliográfica escrevem-se opcionalmente com maiúscula, exceto se forem nomes próprios: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ou *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A indicação bibliográfica vem em itálico.

Axiônimos:

Forma cortês de tratamento ou expressão de reverência: Sr., Dr., Vossa Santidade etc.

Hagiônimo:

Designação comum aos nomes sagrados e aos nomes próprios referentes a crenças religiosas: Deus, Jeová, ressurreição etc.

f) Nos nomes próprios que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (sendo facultativo o uso de maiúscula): português ou Português.

M 2. Emprega-se letra maiúscula inicial:

a) Nos antropônimos reais ou fictícios: *Branca de Neve*.

b) Nos topônimos reais ou fictícios: *São Paulo, Atlântida*.

c) Nos nomes de seres antropomorfizados (semelhantes ao homem) ou mitológicos: *Adamastor, Odin*.

d) Nos nomes que designam instituições: *Cruz Vermelha*.

e) Nos nomes de festas e festividades: *Natal*.

f) Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *Folha de São Paulo*.

g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil.

h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente regulados com maiúsculas não apenas iniciais, mas também mediais ou finais: *ABL* (ou *A.B.L.*), *ONU* (ou *O.N.U.*), *Sr*.

i) É **facultativo** o uso de maiúscula inicial em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizadores de logradouros públicos, de templos, de edifícios: *rua* ou *Rua da Liberdade*.

Observação: obras especializadas podem observar regras próprias para o emprego de maiúsculas, baseando-se em normalizações estabelecidas por entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Base XX

Da divisão silábica

A separação silábica faz-se pela soletração, sem se levar em conta os elementos etimológicos que constituem os vocábulos.

Normas particulares:

M 1. Os encontros consonantais perfeitos **bl, br, cl, cr, dr, fl, fr, gl, gr, pl, pr, tl, tr, vr** são indivisíveis: *a-bla-ti-vo, re-cri-a-ção*.

São exceção as palavras em que os encontros consonantais resultam de união de um prefixo terminado em **b** ou **d** e outra consoante: *ab-le-ga-ção, ad-re-nal, sub-lu-nar*.

M 2. As sucessões de duas consoantes que não constituem grupos e as sucessões de **m** ou **n** (com valor de nasalidade) e uma consoante são divisíveis: *ad-mi-rá-vel, am-bi-ção*.

M 3. Sequência de mais de duas consoantes, em que estejam presentes ou não as letras **m** ou **n** com valor de nasalidade, são divididas da seguinte maneira:

- a) Se ocorrer **bl, br, cl, cr, dr, fl, fr, gl, gr, pl, pr, tl, tr, vr**, esse grupo separa-se de possível (possíveis) consoante (s) anterior (es): *cam-brai-as, ins-cri-ção*.
- b) Se nem um desses encontros consonantais perfeitos ocorrer, a divisão dá-se sempre antes da última consoante: *abs-ten-ção, tungs-tê-nio*.

4. Podem separar-se:

M a) Vogais consecutivas desde que pertençam a ditongos crescentes: *far-má-ci-as*.

M b) Vogais consecutivas desde que não pertençam ao grupo **gu** ou **qu**: *a-ta-ú-de, co-o-cu-par, sor-tei-o*; mas *a-gua-da*.

M 5. Os grupos **gu** e **qu** nunca se separam da vogal ou ditongo que os seguem: *am-bí-guo, quais-quer*.

N 6. Na **translineação** de palavras com hífen, se a partição coincide com o fim de um dos elementos, deve-se repetir o hífen na linha seguinte.

Translineação:

Ato de passar de uma linha para outra, na escrita ou na impressão, ficando parte da palavra na linha superior e o resto na de baixo.

Base XXI

Das assinaturas e firmas

Poderá ser mantida a escrita que, por costume ou registro legal, se adote em assinatura do nome, bem como a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público.

